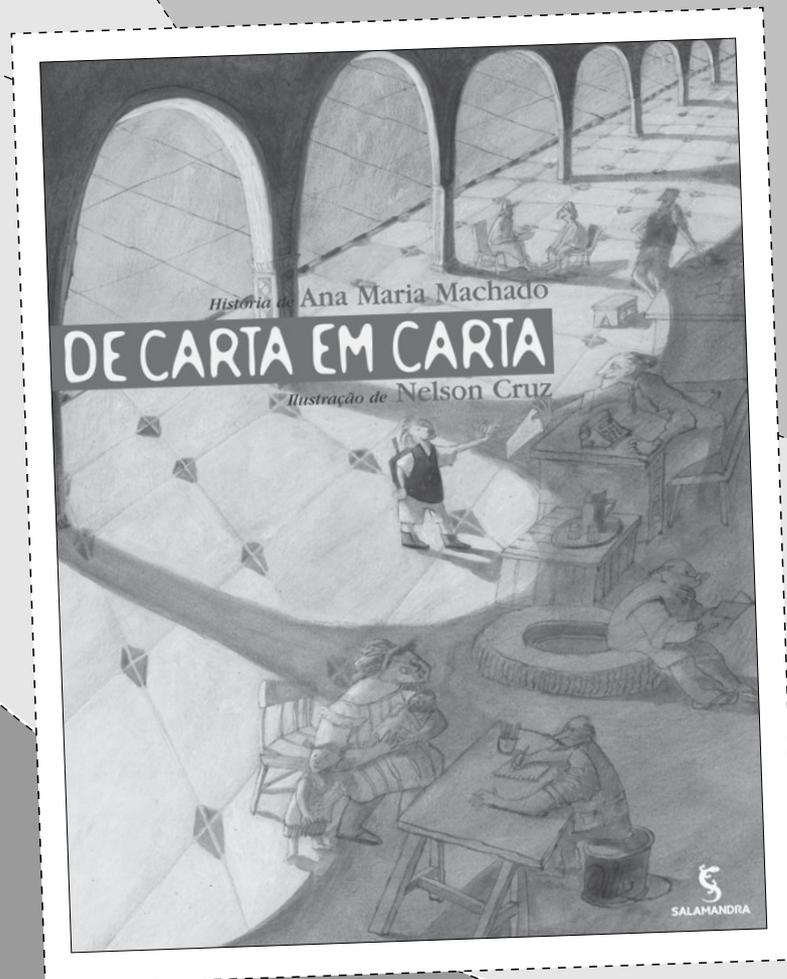


DE CARTA EM CARTA

Texto de Ana Maria Machado

Ilustrações de Nelson Cruz



PROJETO DE LEITURA

Elaboração:

Francine Jallageas

Coordenação:

Maria José Nóbrega

SOBRE A AUTORA

Uma das maiores e mais queridas escritoras brasileiras, Ana Maria Machado começou a escrever para crianças em 1969 na revista *Recreio*, publicando seu primeiro livro em 1976. Sua obra já foi publicada em mais de dezessete países e ela recebeu inúmeros prêmios no Brasil e no exterior – incluindo o prestigioso Prêmio **Casa de Las Américas**, uma Menção Honrosa do **America's Award**, nos Estados Unidos, o Prêmio **APPLE**, na Suíça, o Prêmio **Cocori**, na Costa Rica, e outros, na Venezuela, Colômbia e Argentina. Ana Maria também recebeu, em 2000, o Prêmio **Hans Christian Andersen**, considerado o Nobel da Literatura Infantil e Juvenil. Em 2003 foi eleita para a cadeira número 1 da **Academia Brasileira de Letras**, e nos anos de 2012 e 2013 assumiu a presidência da instituição. Ela também recebeu o **Life Achievement Award**, na décima edição do **Brazilian Press Award**, um prêmio dado pela comunidade brasileira aos brasileiros cujo trabalho se destaca no exterior. Em 2010, recebeu, na Holanda, o Prêmio **Príncipe Claus** por sua “literatura notável e sua capacidade de abrir fronteiras da realidade para jovens e comunicar valores humanos essenciais a mentes e corações”.

RESENHA

O leitor vai conhecer, em *De carta em carta*, de Ana Maria Machado, a história de um avô e de um neto muito amigos, mas também muito briguentos, e que têm em comum muitas características: ambos são teimosos, implicantes e, por motivos diversos, não sabem ler e escrever.

Um dia, Seu José, velho jardineiro que ainda não recebeu sua aposentadoria e está muito cansado de trabalhar, pede ajuda a seu neto, o malcriado garoto Pepe, que não gosta de ir à escola, para cuidar do jardim. Como era de costume, o avô e o neto se desentendem, falam um ao outro grosserias e terminam brigando.

Chateado com a discussão e cheio de raiva, o menino Pepe sai de casa, batendo o portão e chutando latas vazias pelo caminho, até chegar a um local na cidade conhecido como Praça dos Escrevedores. Lá, ele tem uma brilhante ideia: pedir a Seu Miguel, um dos escrevedores que trabalham na praça transformando as palavras ditadas pelos analfabetos em palavras escritas em folhas de papel, que escreva uma carta ao avô José.

O menino diz ao escrevedor que não tem dinheiro para pagar pela carta e lhe conta que não sabe ler e escrever porque não gosta de ir à escola. Seu Miguel, surpreso e comovido com o analfabetismo do garoto, propõe um acordo: em troca da carta, Pepe deverá, no dia seguinte, ir à escola e, em seguida, voltar à Praça dos Escrevedores para contar a Seu Miguel como foi a experiência.

O acordo é selado e a carta, ditada ao escrevedor. No outro dia, quem procura logo cedo Seu Miguel é o avô José, que também não sabe ler e tem nas mãos a carta entregue pelo neto. O escrevedor, que ignorava que a carta ditada pelo menino tinha como

destinatário um senhor tão idoso e cansado como Seu José, toma a liberdade de modificar um pouquinho as palavras de Pepe e lê, no lugar da mensagem desaforada que dizia “Você está tão chato... Vá para o inferno! Pepe.”: “Você está cansado. Vá para o inverno! Pepe.”

Graças ao expediente criado pelo espirituoso Seu Miguel, inicia-se, então, uma conversa epistolar entre o avô e o neto, sempre mediada pelo velho escrevedor, que permite a ambos se compreenderem como até então lhes fora impossível.

Aos poucos, o avô José consegue desabafar e dizer ao neto que gosta muito dele, mas que está muito cansado e sem dinheiro. E, também aos poucos, o garoto Pepe, que não queria saber de ir à escola, pega gosto pelas aulas, começa a aprender a escrever e se torna mais sensível aos problemas do avô, que precisa logo receber sua aposentadoria e descansar porque está muito velho e já trabalhou muito na vida.

Certo dia, Pepe surpreende Seu Miguel, ao pedir-lhe que escreva uma longa mensagem que tem como destinatário o governo. Na carta, o menino explica o caso do seu avô José e reivindica os benefícios que lhe são de direito. Finalmente, semanas depois da carta ao governo ter sido enviada, Seu José é convocado a comparecer a um posto de atendimento para tratar de sua aposentadoria.

E o final da história é dos mais felizes: Seu José consegue receber o benefício que merece e descansar. Pepe continua frequentando a escola, aprende a ler, escrever, e estuda por muitos e muitos anos. Tantos anos que, ao se transformar num jovem adulto, passa a trabalhar num posto de atendimento do governo e se torna um excelente e criativo escritor.

QUADRO-SÍNTESE

Gênero: Conto infantil.

Palavras-chave: analfabetismo, velhice, aposentadoria e relacionamento familiar.

Área envolvida: Língua Portuguesa.

Tema transversal: pluralidade cultural e ética.

Público-alvo: leitor fluente (4º e 5º anos do Ensino Fundamental).

PROPOSTA DE ATIVIDADES

Antes da leitura

1. Chame a atenção dos seus alunos para os ricos detalhes da ilustração da capa do livro *De carta em carta* e incite-os a procurar antecipar, levando em conta o título da obra, o enredo da história que irão ler. Estimule a imaginação da turma, convidando-a a descrever, em voz alta, os pormenores que mais chamam atenção na imagem criada pelo ilustrador Nelson Cruz.
2. O título do livro e os elementos que compõem a ilustração da capa evocam duas atividades intrinsecamente ligadas: escrita e leitura. Entretanto, evocam também modos, meios e instrumentos de leitura e escrita que foram frequentes em um período anterior ao nosso e que, hoje, são cada vez mais raros. Em nossa época, no lugar de cartas, temos o hábito de escrever *e-mails* ou mensagens digitais e, no lugar de máquinas de escrever e folhas de papel, como aquelas desenhadas por Nelson Cruz, temos o costume de utilizar computadores, *smartphones*, *tablets* e leitores digitais. Além disso, atualmente, graças à internet e à avançada tecnologia dos nossos computadores e dos nossos telefones móveis, muitas vezes nos comunicamos com pessoas distantes (ou próximas!) por meio de videoconferências e/ou por meio de recursos audiovisuais, como fotografias, vídeos e mensagens sonoras. Que tal iniciar uma conversa sobre esse tema com a turma? Algumas perguntas podem conduzir à reflexão sobre as mudanças nos hábitos de escrita e leitura ao longo do tempo e suas especificidades (de outrora e de agora): Quem já recebeu uma carta? Quem já escreveu uma carta? Quem já recebeu um *e-mail*? Quem já escreveu um *e-mail*? Os alunos que já receberam ou escreveram uma carta ou um *e-mail* gostariam de contar como foi a experiência? Quais são as diferenças entre um *e-mail* e uma carta? Qual a melhor forma de se comunicar com um parente ou um amigo distante? Também podemos escrever uma carta ou um *e-mail* a uma pessoa próxima?

Quem poderia citar um bom motivo para escrever uma carta ou um *e-mail* para uma pessoa próxima? Como devemos proceder quando desejamos nos comunicar com um jornal, uma revista ou com o prefeito da nossa cidade?

3. Proponha à turma que procure conhecer um pouco mais detalhadamente como ocorriam, antigamente, as conversas epistolares. Sugira aos alunos que perguntem às pessoas mais velhas da família (avós e bisavós, por exemplo): Como faziam, durante a juventude, para manter contato com parentes e amigos distantes? Escreviam e/ou recebiam cartas? Em caso afirmativo, gostavam de escrevê-las? Ficavam contentes quando as recebiam? Tiveram, na juventude, o hábito de receber e/ou enviar cartões-postais? Recordam-se do tempo que uma carta levava para chegar ao seu destino? Possuem ainda uma carta que escreveram ou que receberam e que possam mostrar? Trocam cartas ainda hoje? Conhecem alguma história (real ou inventada) em que os personagens recebem ou escrevem cartas?

Durante a leitura

1. Sugira aos alunos que observem atentamente os desenhos de Nelson Cruz e procurem notar especialmente os contrastes entre luz e sombra, característica marcante das ilustrações presentes no livro.
2. Algumas frases e palavras aparecem nas páginas do livro *De carta em carta* grafadas em letras maiúsculas: "VOCÊ ESTÁ TÃO CHATO...", página 12, "VÁ PARA O INFERNO!", página 12, "VOCÊ É UM VELHO MALUCO.", página 18, "VOVÔ", página 21. Incentive a turma a refletir sobre o impacto que esse recurso gráfico causa no leitor. Pergunte, por exemplo: o uso das letras maiúsculas altera o sentido do texto? Por que essas palavras não foram escritas em letras minúsculas como todas as outras? Alguém já reparou que é comum encontrarmos palavras e frases escritas com letras maiúsculas nos balões das histórias em quadrinhos?
3. Na página 4, Ana Maria Machado descreve a cidade onde se passa a história do menino Pepe e do avô José. Na página seguinte, Nelson Cruz convida o leitor a observar um retrato da mesma cidade. Sugira à turma comparar a cidade descrita pela escritora com a cidade desenhada pelo ilustrador, anotando no caderno as semelhanças e as diferenças observadas entre elas. A seguir, proponha aos alunos que pensem na cidade onde vivem e/ou nas cidades que já visitaram e procurem se lembrar se conhecem alguma cidade semelhante à cidade descrita por Ana Maria Machado e desenhada por Nelson Cruz. Depois, retomando as anotações feitas durante a leitura, os alunos podem conversar entre si sobre as características das cidades que conhecem e sobre as características da cidade onde vivem Pepe e José.

Depois da leitura

1. Inicie um diálogo com os alunos estimulando-os a relatar a experiência que tiveram ao longo da leitura. A história os surpreendeu? Eles gostaram do desfecho? Identificaram-se com o menino Pepe?
2. A fim de iniciar uma conversa com seus alunos sobre as características do gênero textual que se torna peça-chave da trama do livro *De carta em carta*, convide a turma a reler o diálogo entre Seu José e Seu Miguel que aparece ao final da página 16 e que termina na página 17:

“Quando chegou nesse ponto, o avô parou de ditar e disse: — Agora eu sei que tem que botar aquelas coisas que ficam no final das cartas e eu não sei, aquele negócio de ‘queira aceitar’ não sei o que lá, e ‘protestos de estima e consideração’. Uma vez eu recebi uma carta do governo e tinha isso. O senhor completa. — Não precisa, não — disse seu Miguel. — Basta dizer ‘um abraço do seu avô...’ Seu José não concordou: — Não, nada disso. Eu quero fazer as coisas direito. O menino precisa aprender como se faz. Ele tem que se educar, sabe? Pensou melhor. Lembrou de algumas coisas e disse: — Põe aí também: ‘Você é um atrevido e um malcriadão, mas atenciosamente, seu avô.’”

A seguir, pergunte aos seus alunos, instigando-os a expressar o conhecimento que possuem sobre as convenções textuais adotadas na escrita de cartas: O que são “aquelas coisas que ficam no final das cartas” das quais fala Seu José? Quem sabe dizer o que significa “aquele negócio de ‘queira aceitar’ não sei o que lá, e ‘protestos de estima e consideração’”? Quem sabe dizer a que se refere Seu José quando diz a Seu Miguel que “o menino [Pepe] precisa aprender como se faz”? E, ao final, por que será que Seu José pede a Seu Miguel que encerre a carta com “mas atenciosamente, seu avô”? Prossiga o diálogo com a turma de modo a expor e exemplificar as características e os aspectos estruturais de dois tipos de carta: a carta informal ou particular (destinada a um familiar, a um amigo, a um conhecido, a um ente querido, carta de amor, carta de despedida etc.) e a carta formal ou oficial (destinada a uma instituição, a uma empresa, carta de recomendação, carta de apresentação, carta de intenção etc.).

3. Depois de uma discussão com o avô, Pepe sente muita raiva e pensa em lhe escrever uma carta “bem malcriada”. Ao fim da narrativa, graças às intervenções de Seu Miguel, que modifica um pouquinho o conteúdo das cartas ditadas por Pepe, avô e neto reconciliam-se. Consulte seus alunos: alguém já se reconciliou com um(a) amigo(a) ou familiar com quem havia tido uma discussão por meio de uma cartinha?

A quem você enviaria uma cartinha e o que você gostaria de escrever? A seguir, proponha aos alunos:

- 1) Eleger um destinatário a quem gostariam de enviar uma carta. Pode ser um(a) amigo(a), alguém da família ou da vizinhança, o(a) diretor(a) da escola, um(a) professor(a) etc.
- 2) Tomar uma folha A4 em branco e redigir uma carta que contenha os seguintes elementos estruturais:
 - a) Local e data: cidade do remetente, dia, mês e ano em que escreve, preferencialmente à esquerda, no topo da página.
 - b) Vocativo: minha querida, querido amigo, cara professora, prezado senhor fulano de tal etc.
 - c) Mensagem: texto da carta distribuído em parágrafos.
 - d) Despedida: saudades, saudações, atenciosamente etc.
 - e) Assinatura: nome completo do remetente ou primeiro nome.
- 3) Tomar um envelope em branco e escrever, na frente, os dados do destinatário e, no verso, os dados do remetente.
- 4) Selar o envelope e depositar numa caixa ou num guichê dos correios. Essa última etapa da atividade pode ser realizada com a sua ajuda ou de um outro adulto.
4. As pessoas que procuram Seu Miguel e seus colegas de trabalho na Praça dos Escrevedores não sabem ler nem escrever. No Brasil, sabe-se, existem atualmente 12,9 milhões de analfabetos (dados fornecidos pelo IBGE em 11/2016). Converse com seus alunos sobre o alto índice de analfabetismo no país, a importância de saber ler e escrever e peça que realizem uma pesquisa na internet sobre serviços prestados na cidade onde vivem (ou em outras cidades) semelhantes àquele prestado por Seu Miguel. Na cidade de São Paulo, por exemplo, há alguns anos (desde 2001) realiza-se nos postos do Poupatempo um projeto com escrevedores voluntários chamado “Escreve Cartas”, que os alunos poderão conhecer detalhes nos portais virtuais de notícia.
5. Uma das passagens mais divertidas do livro *De carta em carta* é aquela em que Seu Miguel transforma — recorrendo a palavras próximas sonoramente, mas com significados bastante diferentes — as frases ditadas por Pepe ao avô José. Em vez de dizer: “Você está tão chato... Vá para o inferno!” (página 14), Seu Miguel diz ao avô José: “Você está cansado. Vá para o inverno!”. O jogo de linguagem efetuado pelo escrevedor evoca um recurso estilístico muito utilizado em poemas e canções: a rima. Retome o episódio citado, converse com seus alunos sobre o papel que o jogo de linguagem desempenha na narrativa, destacando que é a partir desse evento que o desentendimento entre avô e neto começa a se atenuar, e, em seguida, convide a turma a experimentar fazer com novas frases o mesmo exercício feito por Seu Miguel.

6. Na página 23, Pepe e Seu Miguel conversam sobre o dinheiro que o avô José tem direito de receber para poder se aposentar e descansar. Sugira à turma procurar saber como funciona a aposentadoria, hoje em dia, no nosso país, conversando a respeito com os familiares mais velhos (avós e bisavós, por exemplo).
7. Pepe não paga com dinheiro o serviço prestado por Seu Miguel. No lugar de moedas, ele dá ao escrevedor um relato de como foi o seu dia na escola. Coisa semelhante se passa com Seu José. Em troca do trabalho prestado por Seu Miguel, o avô entrega ao escrevedor um maço de flores colhido de seu jardim. Como sabemos, esse tipo de troca (de mercadorias e/ou de serviços) não mediada por moedas, que caracterizou relações de trabalho e transações comerciais de diversas sociedades da Antiguidade, recebe o nome de escambo. Peça à turma para realizar uma pequena pesquisa, na internet e/ou na biblioteca da escola, que tenha como finalidade descrever algumas das principais características da prática do escambo.
8. Leia com a turma o texto de Ana Maria Machado que se encontra na orelha do livro. Nesse texto, a autora menciona *Central do Brasil*, de Walter Salles Jr., e conta ao leitor que nesse filme há uma mulher que escreve cartas a pedido dos analfabetos e um menino que não sabe escrever. Que tal

agendar com a turma um dia para assistir *Central do Brasil* e, a seguir, conversar sobre o filme?

9. Ao final do livro *De carta em carta*, o leitor descobre que Pepe imaginou que se tornaria, quando crescesse, um escrevedor. Mas, além de trabalhar num posto de atendimento do governo, Pepe, ao crescer, torna-se um escritor. Realize uma conversa com seus alunos sobre as diferenças e semelhanças entre um escrevedor e um escritor.

DICAS DE LETURA

Da mesma autora

Dia de chuva – São Paulo: Salamandra.

Um natal que não termina – São Paulo: Salamandra.

De olho nas penas – São Paulo: Salamandra.

Bem do seu tamanho – São Paulo: Salamandra.

Do mesmo gênero ou assunto

O direito à verdade: cartas para uma criança, de Leonardo Posternak – São Paulo: Primavera Editorial.

Vovô Gagá, de Márcia Abreu – São Paulo: Moderna.

Cartas das ilhas Andarilhas, de Jacques Prévert – São Paulo: Editora 34.